

Capítulo 4 - A subcompetência bilíngue em tradução: a questão do aspecto verbal

Stéfano Paschoal

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PASCHOAL, S. A subcompetência bilíngue em tradução: a questão do aspecto verbal. In: ESQUEDA, M.D. ed. *Ensino de Tradução: proposições didáticas à luz da competência tradutória* [online]. Uberlândia: EDUFU, 2019, pp. 153-182. ISBN: 978-85-7078-512-1. Available from: <http://books.scielo.org/id/23rgk/pdf/esqueda-9786558240266-06.pdf> <https://doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-512-1>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

CAPÍTULO 4

A subcompetência bilíngue em tradução: a questão do aspecto verbal

Stéfano Paschoal

Universidade Federal de Uberlândia

Introdução

O modelo de competência tradutória tem como principal pesquisadora Amparo Hurtado Albir que, como membro e notável pesquisadora do grupo PACTE, da Universidade Autônoma de Barcelona, na Espanha, tem trazido diversas contribuições no âmbito da competência tradutória no cenário acadêmico da atualidade. A subcompetência bilíngue, cerne de nosso capítulo, está compreendida no rol de subcompetências que compõem a competência tradutória, ou seja, a competência tradutória consiste numa coexistência equilibrada de subcompetências que funcionam simultaneamente, como “engrenagens” de um mecanismo mais complexo. Segundo Hurtado Albir (2017, p. 39, tradução nossa), a subcompetência bilíngue consiste de

conhecimentos predominantemente procedimentais necessários para a comunicação em duas línguas. Inclui a habilidade específica de regular a interferência na tradução interlingual. Abrange conhecimento pragmático, sociolinguístico, textual, gramatical e lexical nas duas línguas.⁴⁴

⁴⁴ *Predominantly procedural knowledge required to communicate in two*

A subcompetência bilíngue possui papel predominantemente relevante, já que, sendo a primeira das subcompetências a serem estudadas por PACTE (2000, 2003), lida com a parte escrita do texto e, portanto, a mais palpável. Assim, àqueles que lidam com tradução, parece óbvio que, se o processo tradutório envolve a elaboração de um texto escrito a partir de outro texto escrito, os tradutores necessariamente terão de lidar com questões de natureza linguística. É justamente aí que reside a importância dessa subcompetência.

Com base nas experiências de traduções de textos literários realizadas por tradutores em formação em disciplinas como *Prática de tradução de textos literários* e *Tradução Comentada*, decidimos abordar, no âmbito da competência bilíngue, a tradução de tempos verbais com ênfase no aspecto verbal. Com o intuito de alcançarmos um público mais amplo, restringiremos nossos exemplos à tradução de textos do inglês para o português.

A experiência com tradutores em formação tem mostrado que existe certa dificuldade em relação à tradução do *Simple Past*, principalmente quando as opções de tradução variam entre o pretérito perfeito ou o pretérito imperfeito do indicativo. Por essa razão, e também por questões de delimitação, serão apresentados exemplos cujas traduções do *Simple Past*, em inglês, possam ser o pretérito perfeito ou o pretérito imperfeito do indicativo em português.

O conhecimento do aspecto verbal pode auxiliar o tradutor em suas decisões sobre o uso de um tempo verbal classificado como perfeito ou imperfeito, já que as noções de perfectividade

languages. It includes the specific ability of controlling interference when switching between two languages. It comprises pragmatic, sociolinguistic, textual, grammatical and lexical knowledge in the two languages.

e imperfectividade, como será verificado adiante, estão fortemente relacionadas a questões aspectuais. Por se tratar de um tema que ultrapassa os limites da tradução inglês-português, lançaremos mão, algumas vezes, de exemplos em outras línguas. Nosso principal intuito, contudo, é mostrar como, por meio da “percepção” de questões aspectuais intrínsecas ao pretérito perfeito e ao pretérito imperfeito do indicativo em português, a tradução pode granjear mais exatidão.

Faz-se necessário, aqui, esclarecer que “granjear exatidão” não significa “estar preso ao texto” ou “buscar uma reprodução submissa ao sentido do original”, mas sim recriar, na tradução, um texto que seja fluente e natural na língua-alvo, justamente na qual reside o problema aspectual da temporalidade dos pretéritos (perfeito e imperfeito).

Em suma, apresentaremos trechos em que, para uma única forma verbal em inglês, teremos, *a priori*, duas possibilidades de tempos verbais em português. As reflexões sobre o aspecto verbal, acreditamos, contribuirão para que se decida em favor do pretérito perfeito ou do pretérito imperfeito do indicativo, quando um ou outro for uma opção possível de tradução do *Simple Past*.

1 Traduzir os tempos, traduzir o tempo: uma perspectiva linguística

Uma das grandes dificuldades na tradução de um texto do inglês para o português dá-se no âmbito dos tempos verbais. Geralmente, pelo menos no âmbito das línguas ocidentais modernas, lidamos com três temporalidades: temporalidade presente, temporalidade passada e temporalidade futura. Ao

longo do tempo, as formas verbais em língua inglesa e as funções a que serviam foram “decalçadas” de modelos gramaticais do latim.

O apoio na gramática latina fez com que as formas verbais correspondentes aos tempos verbais (*tenses*) em língua inglesa fossem dispostas de modo a expressar o passado, o presente e o futuro numa maneira semelhante ao sistema latino. Com isso, muitas vezes resultaram construções perifrásticas, já que, por natureza, a língua inglesa possui menos formas verbais sintéticas que o latim. Essas tentativas de aproximação entre as duas línguas, no que diz respeito aos tempos verbais, remonta ao século XVII. A esse respeito, Jacobs (1985, p. 188, tradução nossa) discorre:

Nos séculos XVII e XVIII, os gramáticos que escreviam gramáticas de língua inglesa para escolas acreditavam que a língua inglesa deveria ser descrita do mesmo modo como o latim e o grego. Entretanto, há inúmeros problemas em relação a essa abordagem. Em primeiro lugar, em nenhuma língua as formas verbais correspondem diretamente às propriedades semânticas de referência temporal. Uma gramática clara e perspicaz não deve basear-se apenas em critérios lógicos. Em segundo lugar, a língua inglesa, por possuir apenas duas inflexões nos verbos para mostrar o tempo, difere do latim e do grego. Geralmente, mas nem sempre, o passado é marcado pelo sufixo *-ed*, e o presente por uma concordância do sufixo *-s* para as formas de terceira pessoa do singular. Paralelamente a outras inflexões verbais do latim e do grego, há os verbos auxiliares como *will* e *should*. Alguns gramáticos de gerações passadas consideravam a língua inglesa empobrecida, em que faltava a gama e a precisão de formas de tempos verbais nas línguas clássicas.⁴⁵

⁴⁵ *In the seventeenth and eighteenth centuries, grammarians writing English grammars for schools believed that the English language should be described in the same way as Latin and Greek. However, there are a number of problems with such an approach. First, in no language do the verb forms directly correspond to the semantic properties of time reference. An accurate and insightful grammar must be based on more than logical criteria. Second,*

Novas propostas, contudo, apoiadas na natureza da língua inglesa, apresentam-nos possibilidades de um sistema diferente na interpretação de tempos verbais. Embora Jacobs (1985) opte por considerar tempos verbais em inglês o presente e o passado, sustenta também a existência de formas flexionadas apenas no passado, dando a noção de tempos verbais no passado e no “não passado” (ou passado [+] e passado [-]):

Ao voltarmos nossa atenção para o tempo verbal presente, percebemos que mesmo as formas são menos óbvias. O único marcador explícito é o *-s*, que marca a concordância com a terceira pessoa de sujeitos no singular, como na sentença “Lady Godiva rides on a snow-white horse”. Devido à ausência de um marcador explícito, seria possível argumentar que não há tempo presente, que os verbos finitos simplesmente são ou não são marcados para o passado. Isto equivaleria a dizer que os verbos finitos estão ou no passado ou no “não passado”. Como as argumentações são inconclusivas, de qualquer um dos lados, adotaremos a versão mais tradicional e assumiremos que há um tempo presente, indicado por um morfema zero em todas as formas, exceto para a terceira pessoa do singular (Jacobs, 1985, p. 189, tradução nossa).⁴⁶

*English differs from Latin and Greek in having only two inflections on verbs to show tense. The past tense is usually but no always marked with an *-ed*; the present tense is marked with an *-s* agreement suffix for third person singular forms. Corresponding to other Latin and Greek verb inflections are auxiliary verbs such as *will* and *should*. To some early grammarians, English seemed an impoverished language, one lacking the range and precision of tense forms in the classical languages.*

⁴⁶ *When we turn our attention to present tense, we see that even the forms are less obvious. The only overt marking is the *-s* that marks agreement with third person singular subjects, as in this sentence: “Lady Godiva rides on a snow-white horse”. Given this lack of overt marking, it could be argued that there is no present tense, that finite verbs simply are or aren’t marked for past tense. This would amount to saying that finite verbs are either in the past tense or in a non-past tense. Since the argumentation on either side are inconclusive, we’ll adhere to the more traditional account and assume that there is a present*

Conforme observamos, o *Simple Past* é flexionado em inglês. Verbos regulares recebem a terminação *-ed* e verbos irregulares possuem uma forma própria. Interessam-nos, neste capítulo, os casos em que o *Simple Past* tenha como possibilidade de tradução o pretérito perfeito ou o pretérito imperfeito do indicativo, flexionados em português.

Na última parte deste capítulo, compreenderemos que há outros elementos, além das flexões, que contribuem para a decisão por um ou outro tempo do pretérito em português, dos dois que nos interessam aqui. Afirmar que é possível nos apoiarmos em outros elementos do texto-fonte para a decisão por um ou outro tempo verbal mostra que a tradução vai além de um exercício de mera correspondência ou substituição. Lembremo-nos, além disso, de que vários são os casos em que tempos verbais usados *a priori* para expressar determinada temporalidade podem ser usados para denotar uma temporalidade distinta, como, por exemplo, o presente histórico ou narrativo, usado para dar mais vivacidade ao texto e para realçar os acontecimentos que estão sendo descritos, referentes ao passado.

O fato de existirem, algumas vezes, estruturas de tempos verbais correspondentes quanto à forma em línguas diversas, revela um problema de tradução, pois há uma tendência – embora não corrente entre tradutores em formação – a se acreditar que a tradução da estrutura seria suficiente. Um exemplo seria a forma composta pelos verbos *ser* ou *ter*, no presente, na função de auxiliar, acrescida do particípio passado do verbo principal para a formação do *perfeito*. Essa forma, que nos remete ao

tense, one marked by a zero ending on all forms except for the third person singular.

latim vulgar, é reconhecida em língua portuguesa como pretérito perfeito composto (*Tenho feito muitas coisas ultimamente*); como *Perfekt*, em alemão (*Den Lehrer habe ich heute noch nicht gesehen*); como *passé composé*, em francês (*Ce jour-là j'ai raté le bus*); como *passato prossimo*, em italiano (*L'altro giorno ho conosciuto la figlia di Michele*); como *pretérito perfecto*, em espanhol (*Alguna vez he jugado al ajedrez*).

As estruturas arroladas nos exemplos do parágrafo anterior, em línguas distintas, são coincidentes. Entretanto as regras para o uso e as peculiaridades em cada uma delas variam. Por exemplo, em francês, em alemão e em italiano, é necessário utilizar como auxiliar o verbo “ser” quando os verbos principais indicam movimento ou são intransitivos. Em espanhol, não é necessária essa distinção (*Yo he ido*, em oposição a *Ich bin gegagen*, *Je suis allé*, *Sono andato*). Em inglês, a mesma forma composta por verbo *ter* (*to have*) acrescida do particípio passado do verbo principal resulta num tempo denominado *Present Perfect*, cujo uso correto ainda parece ser de grande dificuldade para alunos brasileiros. A tradução de *I've lost my keys* por *Perdi minhas chaves*, um exemplo simples, mostra que nem sempre a correspondência de forma implica a correspondência de valores e funções de uma língua para outra. Não nos debruçaremos, contudo, sobre as especificidades desse tempo verbal, pois isto nos desviaria de nosso propósito.

Antes de prosseguirmos nossa exposição, é necessário considerar dois fundamentos sobre os quais se acomodam nossas reflexões: primeiramente, não existe, de fato, correspondência exata de forma e significado no que diz respeito às formas e tempos verbais em línguas distintas; em segundo lugar, as formas e seus respectivos usos, embora distintos – e referimo-nos aqui especialmente a relações entre inglês e português –, não podem ser

tão distantes a ponto de não se reconhecer sequer a temporalidade da enunciação.

Cabe ao tradutor, quando em contato com o texto a ser traduzido, desenvolver sua perspicácia quanto às particularidades de sentido expressas por determinado tempo verbal, buscando, assim, organizar os significados da temporalidade em seu texto próprio. Isto pode ser conseguido – e esse é apenas um caminho sugerido – pela observância do aspecto verbal.

2 O aspecto verbal: perfectivo e imperfectivo

Pretendemos, com o breve estudo a que nos propusemos, proporcionar a tradutores em formação uma oportunidade de reflexão sobre o aspecto verbal, de modo a contribuirmos, assim, para o aperfeiçoamento de sua subcompetência bilíngue. De modo particular, tencionamos que eles possam optar com mais propriedade, em suas traduções, pelo pretérito perfeito ou pelo imperfeito do indicativo (em português), quando esses tempos verbais forem possibilidades de tradução do *Simple Past*. Não discutiremos à exaustão o conceito dos aspectos perfectivo e imperfectivo, que ocorrem também em outros tempos verbais, mas buscaremos apresentar de forma objetiva as relações entre esses aspectos e os pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo.

Soares Barbosa (1881, p. 132 *apud* Trindade, 2016, p. 230) define verbo do seguinte modo:

é uma parte conjunctiva do discurso, a qual serve para atar o attributo da proposição com o seu sujeito debaixo de todas as suas relações pessoais e numeras, enunciando por diferentes modos a coexistencia e identidade de um com outro, por ordem aos diferentes tempos e maneiras de existir.

No conjunto de categorias verbais, a *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa*, de Soares Barbosa (1881), distingue a categoria de tempo – dividida em pretérito, presente e futuro – da categoria de aspecto, que, como aponta Trindade (2016), compreende a ideia de “diferentes estados d’esta mesma existência”, podendo ser “começada só e vindoura” (“hei de ser”), “persistente e continuada” (“estou sendo”), e “finda já e acabada” (“tenho sido”).

Apesar de apresentadas como distintas, essas duas categorias estão fortemente relacionadas. Cunha (2013 *apud* Trindade, 2016, p. 232) informa que “a categoria do aspecto é sempre referida junto à categoria do tempo por serem solidárias e estarem em permanente e íntima relação: ambas estão assentadas numa categoria abstrata de tempo”.

A concepção de Cunha (2013 *apud* Trindade, 2016, p. 232) é reforçada por Vargas (2010, p. 120), que afirma:

o fenômeno do aspecto verbal é estreitamente vinculado à categoria do tempo; o tempo associa o evento ao momento em que é enunciado e a um momento de referência; o aspecto exprime o tempo que é inerente ao evento, ou seja, o tempo de desenvolvimento desse evento. Ambas as categorias, portanto, apoiam-se na noção de tempo.

Para Travaglia⁴⁷ (2006, p. 40), aspecto é uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, por meio da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, as quais podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação.

⁴⁷ Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos ao Prof. Luiz Carlos Travaglia pela generosidade de sua leitura, sempre cuidadosa, e pelas imensuráveis contribuições acerca do tema deste capítulo.

A nomenclatura dos tempos verbais pretérito perfeito e pretérito imperfeito do indicativo, por si, comprova a estreita relação entre esses tempos e as noções aspectuais de perfectividade e imperfectividade. Vargas (2010), que afirma serem considerados básicos pelos gramáticos e estudiosos em geral do fenômeno do verbo os aspectos perfectivo e imperfectivo, explica-os da seguinte forma: “o perfectivo, definido como a expressão de um fato tomado em seu completamento, ou seja, um fato concluído, acabado, e o imperfectivo, que compreende as várias fases de um processo considerado em seu desenvolvimento, em sua duração e continuidade” (Vargas, 2010, p. 120).

Ainda sobre o perfectivo e o imperfectivo, Besselar (1960, p. 78, grifo do autor) os explica do seguinte modo:

Entre as formas “eu escrevia” e “eu escrevi” não existe diferença no que diz respeito ao tempo propriamente dito: ambas se referem ao tempo passado. A diferença refere-se apenas à *actio*, isto é ao “aspecto” sob o qual se apresenta essa ação verbal no passado. A forma “eu escrevia” exprime a *actio durativa*, a qual apresenta a ação verbal como estando sendo realizada, ou então, como habitual; na primeira hipótese, poderíamos usar também a forma perifrástica: “eu estava escrevendo”, na segunda: “eu costumava escrever”, ou formas congêneres. Mas a forma “eu escrevi” exprime a mesma ação verbal, embora realizada também no passado, sob um aspecto diferente: nela se percebe a *actio aorista*, a qual representa uma ação verbal (neste caso, no tempo passado) em estado puro e simples, fazendo abstração de toda e qualquer circunstância acessória, tal como duração ou repetição etc.

Parece-nos problemática a afirmação de Besselar (1960) no tocante ao fato de o pretérito perfeito abstrair de duração ou repetição, já que, se dissermos *Ele estudou na universidade por cinco anos* e *Ele falou comigo cinco vezes*, teremos, respectivamente,

as noções de duração e repetição, com o pretérito perfeito do indicativo. Para Travaglia (2006, p. 121-122), o pretérito perfeito apresenta o processo como completo em sua totalidade e abstrai, sim, do fato de ele ser acabado ou não. Na verdade, ele não marca duração, repetição ou completamento, mas isso pode aparecer marcado por outros elementos do texto.

Besselar (1960, p. 78) afirma que havia três tipos de ação no indo-europeu: a durativa, a aorista e a perfeita. Com as formas correspondentes a cada uma delas, era possível apresentar “a mesma ação verbal sob aspectos diferentes”. Das línguas antigas, parece que o grego foi a que mais conservou essa característica do indo-europeu, servindo-se, muitas vezes, de três raízes diferentes para expressar os três tipos de ações diferentes. A explicação por que talvez se tenha perdido a forma aorista em língua portuguesa (e conseqüentemente em diversas línguas modernas que tiveram assentadas suas bases no latim) é assim formulada:

Mas em latim histórico, as *actiones* perderam muito de sua importância, em favor do tempo (absoluto e relativo) que os romanos indicavam com uma precisão superior à de outros povos. Há mais: em latim se fundiram a *actio aorista* e a *actio perfecta*, isto é, o perfeito latino é uma forma sincrética do antigo perfeito indo-europeu e do antigo aoristo indo-europeu (Besselar, 1960, p. 78, grifo do autor).

Podemos idealizar, partindo da citação anterior, a origem do nosso pretérito perfeito. Ao buscar a distinção entre o *infectum* (correspondente ao nosso pretérito *imperfecto*) e o *perfectum* (correspondente ao nosso pretérito *perfeito*), Besselar (1960) esclarece como a noção dos aspectos perfectivo e imperfectivo foi “transferida” para o tempo verbal:

a distinção entre *veta-* (*Infectum*) e *vetu-* (*Perfectum*) não tem apenas interesse para a morfologia, mas muito mais ainda para a sintaxe histórica. O *Infectum* indicava originariamente a *actio durativa*, e o *Perfectum* a *actio aorista* (em alguns casos, devido à fusão entre o aoristo e o perfeito, também a *actio perfecta*). Mas, como já vimos, a categoria de *actio* cedia, em latim histórico, seu lugar à categoria de *tempus*, ou talvez melhor: quando as antigas *actiones* indo-europeias estavam integradas num novo sistema “temporal”, criado pelos romanos, o latim foi à procura de outros meios para exprimir a *actio* ou o “aspecto” de uma ação verbal (Besselar, 1960, p. 78-79, grifo do autor).

Assim, o pretérito perfeito indicaria uma ação completa, acabada, no passado; e o imperfeito, uma ação incompleta, ou seja, relacionada à duração, à repetição, ao hábito etc. Travaglia (2006, p. 121) elucida:

No estudo da expressão do aspecto pelos tempos flexionais, um ponto que chama logo a atenção é a distinção aspectual entre o pretérito imperfeito e o pretérito perfeito do indicativo. Vários estudiosos já fizeram referência a esta distinção, dizendo que o pretérito imperfeito marca o aspecto imperfectivo e o pretérito perfeito marca o aspecto perfectivo, embora nem sempre o digam assim claramente. Sobre a validade da distinção a – pretérito imperfeito do indicativo – imperfectivo; b – pretérito perfeito do indicativo – perfectivo não paira qualquer dúvida. É suficiente observar as frases em que estes tempos estão presentes e veremos que, nas frases com pretérito perfeito, a situação é sempre apresentada como preenchendo um período de tempo completo, ou como uma situação que ocorre em um momento. Já nas frases com pretérito imperfeito, a situação é apresentada como preenchendo um período de tempo que ainda não é completo.

Travaglia (2006, p. 68) aponta ainda as definições de Castilho (1967) acerca do perfectivo. Para Castilho (1967, p. 14 *apud* Travaglia, 2006, p. 68), “temos o aspecto perfectivo se se indica uma ação cumprida, contrária à noção de duração”. Travaglia

(2006, p. 68) expõe como Castilho caracteriza o imperfectivo, a saber: como sendo marcado pelo valor fundamental de duração.

Travaglia (2006, p. 77) define da seguinte forma o perfectivo e o imperfectivo:

O perfectivo é caracterizado por apresentar a situação como completa, isto é, em sua totalidade. O todo da situação é apresentado como um todo único, inalisável, com começo, meio e fim englobados juntos. Não há tentativa de dividir a situação em suas fases de desenvolvimento. É como se a situação fosse vista de fora, em sua globalidade.

Acerca do imperfectivo, o autor afirma:

O imperfectivo é caracterizado por apresentar a situação como incompleta, isto é, não temos o todo da situação e, por isso, normalmente ela é apresentada em uma de suas fases de desenvolvimento. Isto equivale a dizer que, normalmente, a noção que caracteriza o aspecto imperfectivo aparece juntamente com as noções aspectuais representadas pelas fases de desenvolvimento da situação. Aqui, ao contrário do que ocorre no perfectivo, é como se a situação fosse vista de dentro, enfocando-se não o seu todo. (Travaglia, 2006, p. 77).

Antes de passarmos às atividades de tradução, é conveniente explicar que, em regra, o aspecto perfectivo geralmente vem acompanhado de “adjuntos adverbiais de tempo determinados e/ou completos [...]”, enquanto o imperfectivo aceita adjuntos adverbiais de tempo que indicam momentos e períodos de tempo indeterminados e/ou incompletos” (Travaglia, 2006, p. 78). Não é impossível, contudo, que tenhamos combinações de pretérito perfeito do indicativo com adjuntos adverbiais que denotem repetição ou duração, próprias ao imperfectivo e, conseqüentemente, ao pretérito imperfeito do indicativo

(como nos exemplos *Ele estudou na universidade por cinco anos* e *Ele falou comigo cinco vezes*), nem é impossível que haja a combinação de pretérito imperfeito do indicativo com adjuntos adverbiais que denotam período de tempo completo. Nesse último caso, Travaglia (2006, p. 78) explica: “Frases com aspecto imperfectivo só aceitam adjunto adverbial de tempo determinado se este indicar um momento no qual a situação já estava, está ou estará em desenvolvimento [...], caso contrário o momento será indeterminado e a frase terá sentido iterativo”. Exemplos para esses dois casos são, respectivamente, as frases *O bebê nascia às cinco horas* e *Papai acordava às cinco horas*. Na primeira, de acordo com Travaglia (2006), a interpretação iterativa não é possível e, assim, “às cinco horas” será tomado como determinado, interpretando-se a frase como “O bebê estava nascendo às cinco horas”. Na segunda frase, “às cinco horas” é indeterminado e a frase tem interpretação iterativa.

A própria terminologia perfeito e imperfeito não é senão a tradução de *perfectum* e *imperfectum*, respectivamente completo e incompleto; portanto, embora diretamente derivada da categoria temporal, refere-se à categoria aspecto.

3 Algumas palavras antes da atividade de tradução

Apresentaremos neste subcapítulo duas breves atividades de tradução, que se concentram, no tocante à subcompetência bilíngue, no uso do pretérito perfeito ou do pretérito imperfeito do indicativo em português, quando se constituírem como possibilidades de tradução de um verbo no *Simple Past* em inglês.

Traduzir exige, dentre outras tarefas, a análise aprofundada do texto e de seus componentes. Tomar isoladamente um elemento textual (ou linguístico) não é suficiente para que se tomem decisões no ato tradutório. O texto deve ser considerado como um todo – em que há junção de elementos inter-relacionados – para que possamos mais seguramente tomar decisões no ato de tradução, também no que diz respeito à organização das ideias de temporalidade.

Acerca da perfectividade ou da imperfectividade, não há – por mais que analisemos profundamente determinado trecho de um texto – uma fórmula ou qualquer outro meio que permita uma decisão exata ou definitiva. Prova disso é existirem traduções de um mesmo texto em que um tradutor opta pela noção de perfectividade e, outro, pela noção de imperfectividade. Em nossas atividades, buscamos selecionar trechos com elementos que auxiliem no uso de um ou outro tempo verbal (pretérito perfeito ou pretérito imperfeito do indicativo).

Assim, o uso de um tempo verbal ou de outro dependerá, em grande parte, da interpretação e da percepção de nuances de sentido. O desafio, nessas atividades, é que nos aproximemos tanto quanto possível do sentido que planejamos construir no texto-alvo.

Nas atividades propostas, usaremos dois trechos de um excerto do conto *The Birthday of the Infanta*, de Oscar Wilde (2018). Oscar Fingal O’Flahertie Wills Wilde, ou simplesmente Oscar Wilde, nasceu em Dublin, em 1854, e morreu em Paris, em 1900. É considerado um dos mais importantes escritores da literatura inglesa da Era Vitoriana. *O Aniversário da Infanta (The Birthday of the Infanta)* faz parte da coletânea *A House of Pomegranates*, de

1891. Com descrições próprias do Esteticismo, movimento a que pertencia, Wilde narra nesse conto a história de um anão que foi dado como presente à infanta no dia de seu aniversário. O anão, ao perceber seus traços disformes, e que, em vez de ser amado, servia, antes, à zombaria e diversão, morre de desgosto. De modo geral, os contos de Wilde lidam com amor, beleza, piedade e sofrimento.

Nos trechos 1 e 2 das atividades daremos especial atenção à escolha do pretérito perfeito ou do pretérito imperfeito como opções de tradução do *Simple Past*. Esperamos que o tradutor em formação experimente traduzi-los e recomendamos que compare suas traduções com as diversas já existentes.

3.1 Atividades

Transcrevemos a seguir o excerto do conto *The Birthday of the Infanta* (Wilde, 2018), que servirá de base a nossas atividades. O excerto tem a indicação de dois trechos: Trecho 1 e Trecho 2. Nossas traduções de ocorrências do *Simple Past* baseiam-se nesses trechos.

[Trecho 1] *But the funniest part of the whole morning's entertainment, was undoubtedly the dancing of the little Dwarf. When he stumbled into the arena, waddling on his crooked legs and wagging his huge misshapen head from side to side, the children went off into a loud shout of delight, and the Infanta herself laughed so much that the Camerera⁴⁸ was obliged to*

⁴⁸ É frequente no texto de Wilde nomes de personagens grafados com iniciais maiúsculas, mesmo quando não se trata de pessoas, como, por exemplo, o conto *The Nightingale and the Rose*, em que é evidente a figura da

remind her that although there were many precedents in Spain for a King's daughter weeping before her equals, there were none for a Princess of the blood royal making so merry before those who were her inferiors in birth. The Dwarf, however, was really quite irresistible, and even at the Spanish Court, always noted for its cultivated passion for the horrible, so fantastic a little monster had never been seen. It was his first appearance, too. He had been discovered only the day before, running wild through the forest, by two of the nobles who happened to have been hunting in a remote part of the great cork-wood that surrounded the town, and had been carried off by them to the Palace as a surprise for the Infanta; his father, who was a poor charcoal-burner, being but too well pleased to get rid of so ugly and useless a child. Perhaps the most amusing thing about him was his complete unconsciousness of his own grotesque appearance. Indeed he seemed quite happy and full of the highest spirits. [Trecho 2] When the children laughed, he laughed as freely and as joyously as any of them, and at the close of each dance he made them each the funniest of bows, smiling and nodding at them just as if he was really one of themselves, and not a little misshapen thing that Nature, in some humourous mood, had fashioned for others to mock at. As for the Infanta, she absolutely fascinated him. He could not keep his eyes off her, and seemed to dance for her alone, and when at the close of the performance, remembering how she had seen the great ladies of the Court throw bouquets to Caffarelli, the famous Italian treble, whom the Pope had sent from his own chapel to Madrid that he might cure the King's melancholy by the sweetness of his voice,

personificação. Nos excertos selecionados para nossas atividades, a intenção é de destaque.

she took out of her hair the beautiful white rose, and partly for a jest and partly to tease the Camerera, threw it to him across the arena with her sweetest smile, he took the whole matter quite seriously, and pressing the flower to his rough coarse lips he put his hand upon his heart, and sank on one knee before her, grinning from ear to ear, and with his little bright eyes sparkling with pleasure.

3.1.1 Atividade 1

A) Traduza o excerto do conto *The Birthday of the Infanta*, de Oscar Wilde, e separe o Trecho 1.

B) Anote a opção de tradução para os verbos das frases seguintes:

- [When] [he] stumbled [in the arena]:

- [the children] went off [into a loud shout of delight]:

[the Infanta herself] laughed [so much]:

[that] [the Camerera] was obliged [to remind her]:

- there were [none]: _____

- [for those who] were [her inferiors in birth]:

- C) Quais verbos estão no pretérito perfeito do indicativo, e quais estão no pretérito imperfeito do indicativo?
- D) Com base no que discorreremos sobre aspecto, indique os motivos que lhe levaram a traduzir as ocorrências do *Simple Past* por verbos no pretérito perfeito ou no pretérito imperfeito do indicativo.
- E) Leia a sugestão de tradução para o Trecho 1, seguida de comentários.

Sugestão de tradução

Mas a parte mais engraçada de toda a diversão da manhã foi, sem dúvida, a dança do pequeno Anão. Quando ele cambaleou na arena, bamboleando com suas pernas tortas e balançando sua imensa cabeça deformada de um lado para o outro, as crianças, entusiasmadas, soltaram uma estrondosa gargalhada, e até mesmo a Infanta ria tanto, que a Camareira se viu obrigada a lembrá-la de que, na Espanha, embora houvesse muitos precedentes de que a filha de um rei tivesse chorado diante de seus iguais, não havia nenhum, sequer, de que uma princesa de sangue real pudesse se mostrar tão contente diante daqueles que lhe eram inferiores por natureza.

Comentários

A primeira parte do trecho I que nos interessa é o período *When he stumbled into the arena, waddling on his crooked legs and*

wagging his huge misshapen head from side to side, the children went off into a loud shout of delight, composto por uma oração subordinada adverbial temporal e por uma oração principal, entremeadas por orações modais introduzidas por gerúndio. Iremos nos concentrar nas traduções do *Simple Past*: assim, serão consideradas para essa parte da atividade a oração temporal e a oração principal do período em questão.

O fato de existir a possibilidade de tradução do *Simple Past* utilizando-se o pretérito perfeito ou pretérito imperfeito do indicativo viabiliza quatro modelos possíveis para a tradução desse período, na ordem oração temporal + oração principal, sendo: [1] pretérito imperfeito do indicativo + pretérito perfeito do indicativo; [2] pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo; [3] pretérito imperfeito do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo; e [4] pretérito perfeito do indicativo + pretérito perfeito do indicativo.

Desses modelos, desprezamos o [1] e o [2], que viabilizariam, respectivamente, os períodos *Quando ele cambaleava na arena, [...] as crianças, entusiasmadas, soltaram uma estrondosa gargalhada*; e [2] *Quando ele cambaleou na arena, [...] as crianças, entusiasmadas, soltavam uma estrondosa gargalhada*; e nos concentraremos nos períodos oriundos de [3] e [4], a saber, *Quando ele cambaleava na arena, [...] as crianças, entusiasmadas, soltavam uma estrondosa gargalhada* e *Quando ele cambaleou na arena, [...] as crianças, entusiasmadas, soltaram uma estrondosa gargalhada*. Em [1] e [2], a conjunção mais adequada seria “enquanto” e, em [2], a conjunção, por uma questão de sentido, teria de ser deslocada para a oração principal, já que o uso do pretérito imperfeito acarreta, aí, a noção de duração. Para se alcançar o sentido que acreditamos

poder reconstruir em português, é necessário que a relação entre os tempos verbais no período seja respeitada e, nesse caso, ele deve conter ambas as orações com o verbo no pretérito perfeito do indicativo ou no pretérito imperfeito do indicativo.

Nossa tarefa é, então, optar por uma das possibilidades de tradução (com os verbos das orações no pretérito perfeito ou no pretérito imperfeito do indicativo). Em [2], o uso do pretérito imperfeito do indicativo implica a noção aspectual de iteratividade, ou seja, pressupõe que o anão entrava diversas vezes, com certo intervalo de tempo, na arena. Se, de um lado, conforme o conto, ele não se apresenta uma única vez, também não se apresenta seguidamente nem interrompamente. Para Travaglia (2006, p. 81), “o iterativo se caracteriza por apresentar a situação como tendo duração descontínua limitada”. Apoiados no contexto, depreendemos que o narrador comenta uma das principais atrações daquela manhã que marcava o dia do aniversário da Infanta: “mas a parte mais engraçada de toda a diversão da manhã, foi, sem dúvida, a dança do pequeno Anão”. Ele descreve algo pontual, que acontece pela primeira vez, um ato completo, terminado em si mesmo. Por se tratar de uma ação completa no tempo, utilizamos em nossa sugestão de tradução o pretérito perfeito do indicativo, como em [4].

O segundo período de nosso interesse é “and the Infanta herself laughed so much that the Camerera was obliged to remind her that”. Embora separado do primeiro, relaciona-se a ele, já que estão no mesmo parágrafo, cujo intuito é descrever parte da festa de aniversário da Infanta. Esse segundo período é composto por uma oração principal e por uma oração subordinada adverbial consecutiva (*result clause*). Em suma, informa que o riso excessivo

da Infanta fez com que a camareira lhe censurasse. O anão já havia adentrado a arena. As crianças já haviam soltado uma estrondosa gargalhada. A Infanta, juntamente com as crianças, RIU tanto, ou RIA tanto, que a camareira se viu obrigada a lhe censurar (lembrando que não havia precedentes no reino de Espanha para tal comportamento). Aqui, diferentemente do ocorrido no período anterior – em que havia exigência de concordância entre os tempos verbais –, há a possibilidade de utilizarmos pretéritos distintos nas duas orações, o que consta de nossa sugestão de tradução. A decisão crucial é se a Infanta RIA ou se RIU excessivamente. Com o pretérito perfeito do indicativo (riu), referimo-nos a uma ação acabada, completa. Com o pretérito imperfeito do indicativo, tem-se a impressão de que a Infanta ainda ria quando foi censurada. A intensidade depreendida de *so much* sugere que o riso se estendia no tempo. Com o pretérito imperfeito do indicativo, conseguimos imprimir a noção aspectual de duração do ato de rir, alcançando a intenção de produzir em nossa língua a ideia compreendida tendo por base o texto em língua estrangeira. Assim, entre as opções “e até mesmo a Infanta RIU tanto, que a Camerera se viu obrigada a” e “e até mesmo a Infanta RIA tanto, que a Camerera se viu obrigada a”, preferimos a segunda.

O terceiro período que nos interessa neste trecho – *although there were many precedents in Spain for a King’s daughter weeping before her equals, there were none for a Princess of the blood royal making so merry before those who were her inferiors in birth* – é composto por uma oração subordinada adverbial concessiva e por uma oração principal seguida de uma oração relativa (*those who were her inferiors in birth*). A conjunção *although* (embora) exige em nossa tradução o pretérito imperfeito do subjuntivo.

Por essa razão, iremos nos concentrar na discussão sobre a opção pelo tempo verbal (pretérito perfeito ou pretérito imperfeito do indicativo) na oração principal (*there were none for a Princess of the blood royal making so merry*). O argumento para a decisão pelo pretérito imperfeito do indicativo nessa oração é o mesmo para a escolha desse tempo na oração relativa [*before those*] *who were her inferiors in birth*. Em “Não havia nenhum precedente”, o sentido é de que não era vigente, naqueles dias, nenhum precedente; o fato de não haver um precedente alonga-se no tempo. Se optarmos por *não houve nenhum precedente*, certamente precisaremos da determinação do tempo, já que se trata de uma ação completa e acabada. Além disso, “não houve nenhum precedente” significa que não houve em determinado momento passado, mas que poderia haver naquele momento. O mesmo ocorre com “aqueles que, por natureza, eram-lhe inferiores”. A tradução “aqueles que, por natureza, foram-lhe inferiores”, implica que não o são mais, ou seja, o uso do pretérito perfeito do indicativo, nesses dois últimos casos, causa a ideia de possibilidade de interrupção de ação ou estado, quando, na verdade, temos a condição estendida (a de não haver precedentes, pois continua a não haver precedentes para que a Infanta ria demasiadamente diante daqueles que eram e continuam sendo inferiores a alguém de sangue real). Por essa razão, a opção nesse último período do Trecho 1 foi utilizar o pretérito imperfeito do indicativo.

3.1.2 Atividade 2

A) Separe do excerto a tradução do Trecho 2.

B) Anote a opção de tradução para os verbos das frases seguintes:

- [when] [the children] laughed:

[he] laughed:

- [at the close of each dance he] made [them each the funniest of bows]: _____

C) Quais verbos estão no pretérito perfeito do indicativo, e quais estão no pretérito imperfeito do indicativo?

D) Com base no que discorreremos sobre aspecto, indique os motivos que lhe levaram a traduzir as ocorrências do *Simple Past* por verbos no pretérito perfeito ou no pretérito imperfeito do indicativo.

E) Leia a sugestão de tradução para o Trecho 1, seguida de comentários.

Sugestão de tradução

Quando as crianças riam, ele ria tão espontânea e alegremente como qualquer uma delas, e no final de cada dança ele as reverenciava da forma mais engraçada, rindo e assentindo com a cabeça para elas como se fosse, de fato, uma delas, e não uma coisinha deformada que a natureza, por capricho, moldara para servir de zombaria aos outros.

Comentários

Na atividade de tradução referente ao Trecho 2, devemos nos debruçar sobre apenas três ocorrências do *Simple Past*. À semelhança do Trecho 1, as duas primeiras ocorrências do *Simple Past* encontram-se num período composto por subordinação, em que temos uma oração subordinada adverbial temporal (*time clause*) e uma oração principal, sendo a subordinada introduzida pela mesma conjunção da subordinada do Trecho 1, ou seja: “When the children laughed, he laughed as freely and as joyously as any of them”.

Ao analisarmos o excerto do conto, percebemos que “When the children laughed, [...] he laughed” parece ser a continuação do período composto do Trecho 1, separado aqui por um trecho da narrativa que discorre sobre o anão, sobre sua aparência, sobre o gosto pelo horrendo. Nesse trecho, temos a informação de que aquela era sua primeira “aparição” (“It was his first appearance too”). Isto nos leva a duas possibilidades de tradução do trecho.

Se considerarmos o período composto no Trecho 2 como continuação da narrativa do Trecho 1 e, ainda, se nos apoiarmos no fato de que se tratava de sua primeira aparição, fará todo o sentido traduzir as ocorrências do *Simple Past* pelo pretérito perfeito do indicativo. Eis nossa tradução: “Quando as crianças riram, ele riu tão espontânea e alegremente como qualquer uma delas”, o que denota uma ação completa, acabada.

Todavia, se nos apoiarmos no adjunto adverbial “at the close of each dance” (“no final de cada dança”), logo em seguida ao período composto que apontamos – muito embora

tal adjunto adverbial introduza a ação de reverenciar as crianças –, podemos traduzir utilizando o pretérito imperfeito do indicativo, pois temos a pressuposição de que o anão se apresentava em pequenos números e que, ao final de cada um deles (aspecto iterativo), algo acontecia. Por essa razão, optamos pelo uso do pretérito imperfeito do indicativo, de que resultou a tradução “Quando as crianças *riam*, ele *ria* tão espontânea e alegremente como qualquer uma delas”, valorizando o aspecto iterativo, que, segundo Travaglia (2006, p. 81), denota “duração descontínua ilimitada”. Logicamente, para a ocorrência seguinte, “he made them each the funniest of bows”, a sugestão de tradução, considerando a proximidade ao adjunto adverbial de frequência, utiliza também o pretérito imperfeito do indicativo.

Nesse último caso, as duas traduções são possíveis. Isto dependerá, em grande parte, da interpretação do tradutor. A escolha pelo pretérito perfeito ou pelo imperfeito do indicativo, aqui, não prejudica o sentido do texto, mas atribui nuances à narrativa.

4 Palavras finais

Neste capítulo sobre subcompetência bilíngue, discutiremos brevemente sobre o aspecto verbal, com a finalidade de auxiliar tradutores em formação no uso do pretérito perfeito ou do pretérito imperfeito do indicativo, quando percebidos como opções para a tradução de algum verbo no *Simple Past*, em inglês. Devemos informar que o conteúdo das noções de perfectividade e imperfectividade não se esgota nos casos apresentados aqui.

O domínio da língua – e o conseqüente emprego de tempos verbais – é parte da subcompetência bilíngue, que, por sua vez, não se restringe a isso. Tampouco a atividade de escrita se limita ao domínio da língua, não obstante sua imprescindibilidade para que ela se concretize. Reconhecer a diversidade de registros num texto em determinada língua e concretizá-la num texto que se pretende produzir em outra língua é também um expediente da subcompetência bilíngue.

O trabalho com tradução dá-se predominantemente com textos escritos. Nesta modalidade de tradução (textos escritos), conseguimos construir e transmitir sentido por meio de formulações. Quanto mais ampla a subcompetência bilíngue, maior o sucesso dos resultados obtidos em relação à proximidade entre o que pensamos, de fato, e aquilo que expressamos. Por essa razão – e também devido à motivação advinda da prática docente –, selecionamos trechos para os quais, na língua-alvo, há duas opções válidas em relação a uma única forma na língua-fonte.

Determinar se o verbo de uma sentença no passado em língua portuguesa deve estar no pretérito perfeito ou no pretérito imperfeito do indicativo, numa tradução da língua inglesa para a língua portuguesa, significa identificar qual, dentre as duas, é a forma mais adequada de tradução para o *Simple Past* (nos casos apresentados no subcapítulo referente às atividades). Não se trata de intuição. Existem expedientes a serem investigados, todos relacionados ao aspecto verbal: completude, incompletude, iteração, duração, advérbios e locuções adverbiais etc.

Uma vez que os trechos em nossas atividades são parte de textos literários, cabe apontar que, na tradução de textos dessa

natureza, é conveniente avaliarmos diversos outros elementos, como a época em que o texto foi concebido, sua relação com escolas literárias, o público-alvo para quem se traduz, a intenção da tradução, dentre tantos outros. Enfim, a competência tradutória abarca múltiplas subcompetências, dentre as quais a bilíngue. Esperamos, com nossa discussão, seguida de atividades, ter incentivado a reflexão sobre o uso do pretérito perfeito e do pretérito imperfeito do indicativo.

Referências

BARBELENET, Daniel. L' Aspect verbal dans les propositions temporelles. *Revue des Études Latines*, v. XIII, p. 48-65, 1935.

BARBOSA, Jeronymo Soares. *Grammatica philosophica da lingua portugueza ou princípios da grammatica geral applicados á nossa linguagem*. 7. ed. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1881.

BESSELER, José van den. *Propylaeum latinum*. São Paulo: Herder, 1960. v. 1.

BÜRGER, André. Sur le passage du système des temps et des aspects del'indicatif, du latin au roman commun. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, v. 8, p. 21-36, 1948.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *A sintaxe do verbo e os tempos do passado em português*. Marília: FFCL, 1967.

CRETELLA JR., José. O aspecto e o tempo no sistema verbal. *Jornal de Filologia*, v. I, t. 2, p. 135-141, 1953.

CUNHA, Luís Filipe. Aspeto. In: RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva *et al.* *Gramática do Português*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2013. v. I. p. 585-619.

HEGER, Klaus. *Die Bezeichnung temporal-deiktischer Begriffskategorien im französischen und spanischen Konjugationssystem*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1963. Suplemento n. 104 da ZrPh.

HOLT, Jens. *Études d'aspect*. Acta Jutlandica. Aarhus, v. 15, v. 2, p. 55-65, 1943.

HURTADO ALBIR, Amparo (ed.). *Researching translation competence by PACTE Group*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2017.

JACOBS, Roderick A. *English syntax: a grammar for English language professionals*. New York: Oxford University Press, 1985.

JESPERSEN, Otto. *The philosophy of grammar*. London: George Allen & Unwin Ltd., 1958.

PACTE. Acquiring translation competence: hypotheses and methodological problems in a research project. In: BEEBY, Allison; ENSINGER, Doris; PRESAS, Marisa (ed.). *Investigating translation*. Amsterdam: John Benjamins, 2000, p. 99-106.

PACTE. Building a translation competence model. In: ALVES, Fábio (ed.). *Triangulating translation: perspectives in process-oriented research*. Amsterdam: John Benjamins, 2003, p. 43-66.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão verbal*. 4. ed. Uberlândia: Edufu, 2006.

TRINDADE, Alexandre Wesley. Primeiras lições sobre o aspecto verbal em português na Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 15, n. 1, p. 225-237, 2016.

VARGAS, Maria Valéria Aderson de Mello. O ensino do verbo: tempo e aspecto como categorias semântico-discursivas. *Linha D'Água*, n. special, p. 119-131, set. 2010.

WANDRUSZKA, Mario. L'aspect verbal: problèmes de traduction. *Travaux de langue et de littérature*, v. VI, n. 1, p. 113-129, 1968.

WILDE, Oscar. *Obra completa*. Organizada, traduzida e anotada por Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

WILDE, Oscar. The birthday of the Infanta. *Oscar Wilde online*, 2018. Disponível em: <<http://www.wilde-online.info/the-birthday-of-the-infanta.html>>. Acesso em: 25 set. 2018.